

CANAS DE SENHORIM E CARVALHAL REDONDO EPIGRAFIA E ROMANIZAÇÃO

João L. da Inês Vaz

Dividimos o presente artigo em duas partes. Numa primeira, iremos estudar quatro inscrições romanas, três votivas e uma funerária. As votivas serão estudadas em conjunto em virtude de serem dedicadas pelo mesmo personagem e, muito provavelmente, à mesma divindade.

Na segunda parte falaremos um pouco dos vestígios romanos que têm aparecido no triângulo constituído pelas povoações de Canas de Senhorim, Carvalho Redondo e Minas da Urgeiriça.

Queremos agradecer aos proprietários das inscrições, Dr. Reis Pinto e Eng. Valejo, as facilidades que nos concederam para o seu estudo.

Não poderemos, nesta breve nota introdutória deixar de lembrar o caro amigo Horácio Peixoto, por nos ter conduzido ao Passal. A todos, o nosso agradecimento sincero.

1. INSCRIÇÕES

I, II e III

As três aras que estudamos foram encontradas em Canas de Senhorim, a primeira, em Carvalho Redondo, as restantes. Visto que as três contêm quase o mesmo texto e se integram num mesmo conjunto votivo, estudam-se também conjuntamente.

Leitura:

Ara 1: BESEN
CLAE
DOCQV
IRVS CEL
TI.V.A
L

Ara 2: DOCQV
IRVS CEL
TI
V

Ara 3: DOCQVIR
VS CELTI
V

Interpretação:

Ara 1: BESEN / CLAE / DOCQV / IRVS /
/ CEL / TIV(otum)
A (mimo) L (ibens soluit)

Ara 2: DOCQV / IRVS CEL / TI / V(otum)vel
V(oto)

Ara 3: DOCQVIR / VS CELTI / V(otum)vel
V(oto)

Tradução:

Ara 1: Docquiro, filho de Celto, cumpriu de bom grado o seu voto a Besencla.

Ara 2: Docquiro, filho de Celto, (cumpriu o seu) voto.

Ara 3: Docquiro, filho de Celto (cumpriu o seu) voto.

Medidas⁽¹⁾:

28
Ara 1: Gerais: 70x24x22
28
Letras: 1: 4-4,5; 2: 4,5; 3: 4,5-5; 4: 4-5;
5: 3,5-4; 6: 3,5.
Espaços: 1:0; 2: 1,5; 3: 2-2,5; 4: 0-1,5; 5: C.1;
6: 0,5; 7: C.2.

34
Ara 2: Gerais: 76x23x18
34
Campo epigráfico: 36x22,5
Letras: 1: 4-4,5; 2: 4-5; 3: 4-4,5; 4: 6
Espaços: 1:0; 2: C.1,5; 3:1; 4:1,5; 5:3,5

33
Ara 3: Gerais: 72x29x23
33
Campo epigráfico: 34x29
Letras: 1:3,5-5; 2:5-5,5; 3:3-7
Espaços: 1:1,5-2,1; 2:1; 3:3; 4:1,1.

A primeira ara (designamos assim a ara de Canas de Senhorim que contém o teónimo) foi encontrada no próprio local onde se encontra, o jardim da casa do Sr. Dr. Reis Pinto e as outras duas

foram retiradas recentemente (Verão de 1985) de um lugar de Carvalhal Redondo onde se encontravam a fazer de ombreiras num armário aberto na parede. Felizmente foram retiradas em boa hora, não tendo sofrido qualquer dano.

A divindade adorada em Canas de Senhorim é mais uma divindade a acrescentar à já longa lista dos deuses indígenas peninsulares. Com efeito, não se conhecia até agora o nome *Besencla*, pelo que se tratará de um *hapax* e nada também poderemos dizer sobre este nome ou sobre o carácter da divindade.

Os antropónimos, contrariamente ao teónimo, são comuns às três aras e conhecidos na epigrafia romana. *Celtus* é, no seu início, de nítida origem étnica (?). *Docquirus* é também de origem celta, ou próxima de celta, pelo menos ostenta características da linguística celta (?). O radical *DOC* está presente noutros nomes, mesmo for da Hispânia (4).

Porquê a ausência do teónimo nas duas aras de Carvalhal Redondo? Poderemos pensar que se trata de ex-votos presentes num templo dedicado a essa divindade, *Besencla* e daí não haver necessidade de repetir em todos os monumentos o nome, tanto mais que foram dedicados pela mesma pessoa.

No entanto, poderemos ter outras hipóteses de explicação para esta ausência. As três aras foram feitas na mesma oficina e só o terceiro monumento a ser gravado ficou à vontade do encomendador. É que, efectivamente, os monumentos têm uma distribuição diferente das letras. E senão vejamos: na ara n.º 2, a mais larga gravaram-se cinco letras na linha 1, sete na linha 2 e depois o V foi isolado numa 4.ª linha. Na ara n.º 3, gravaram-se sete letras na linha 1, sete na linha 2 e uma na linha 3 e deixaram-se em branco 11 cm de campo. Na ara n.º 1, a de Canas de Senhorim, todo o campo epigráfico foi ocupado. A linha 1 foi encostada à moldura superior e a linha 6 está separada apenas 2 cm da moldura inferior. Parece, pois, haver aqui uma certa imperícia do gravador que, não sendo ajudado por um paginador, só à terceira tentativa conseguiu agradar ao seu cliente.

Poderemos ainda pensar que as aras de Carvalhal Redondo seriam obra de principiantes, de aprendizes. E, com efeito, nota-se hesitação no alinhamento das letras, o tamanho é irregular e o V tem uma abertura muito grande. Ora, isto não se verifica em Canas de Senhorim onde se nota um fio condutor e um *ductus* seguro do lapicida.

Considerando os caracteres paleográficos, o único elemento de que dispomos para o efeito, pensamos que estas aras serão do séc. II da nossa era.

IV

Inscrição funerária romana aparecida haverá cerca de duas dezenas de anos mas que se tem mantido inédita nas mãos do seu proprietário (2). Tomamos conhecimento da sua existência aquando da visita que o GAAC - Grupo de Arqueologia e Arte do Centro efectuou ao concelho de Nelas em Setembro de 1984.

Trata-se de uma placa destinada a enterrar na cabeceira da sepultura, certamente de inumação. Mede 62x47x16 e é em granito de grão fino, muito friável e devido a isso encontram-se desgastadas as linhas 4 e 5. O campo epigráfico (49x38,5) é emoldurado, com uma meia-cana e um filete. A parte posterior da placa é decorada com uma rosa hexapétala.

Leitura:

MODESTINO
MODESTI
ANN XIII
FILIO.PISSIMO
MODESTVSETCILIA F C

Interpretação:

MOSDETINO/MODESTI (filio) / ANN
(orum) XIII (quattuordecim) / FILIO PIIS
SIMO / MODESTVS ET CILIA F (aciendum)
C (uraverunt).

Tradução:

A Modestino, filho de Modesto, de catorze anos de idade.
Modesto e Cília curaram de fazer (esta lápide) ao (seu) filho modelo de virtude.

Medidas:

Letras: 1:5,5; 2:5; 3:4; 4:4,5; 5:4
Espaços: 1:1,5; 2:C.2; 3:C.2; 4:1,5,2; 5:C.2;
6:C.3

A gravação é cuidada, elegante e perfeita. Bastará ver-se o M da 1.ª linha com as hastes absolutamente proporcionadas ou os O perfeitamente redondos. Repare-se ainda no E com as barras horizontais todas iguais.

(1) As medidas são todas indicadas em centímetros. As medidas gerais são indicadas pela seguinte ordem:

Frontão
Altura x Fuste x Espessura no fuste
Base

A inscrição tem um eixo central, podendo dizer-se que possui uma bela paginação. E mesmo o facto de as letras terem tamanhos diversos não é sinal de pouco cuidado posto na gravação, mas antes demonstra o objectivo de fazer ressaltar algumas palavras. E ressalta-se o que se relaciona com o defunto, nome, filiação e qualidades pessoais. A idade e os nomes paterno e materno foram, propositadamente feitos em tamanho mais pequeno. Além disso, é de salientar ainda que na última linha se meteram 17 letras e na segunda apenas sete. Há aqui, pois, uma intenção de salientar os dados do defunto subordinando-lhe os paternos e houve certamente a mão de um *ordinator* na distribuição prévia da inscrição.

Os nomes apresentados na inscrição são todos conhecidos da epigrafia romana e peninsular. *Modestinus*, nome do defunto, deriva de *Modestus* através da junção do sufixo *inus*, processo muitas vezes seguido para a formação de novos nomes. *Modestus* é um cognome muito frequente e aparece no CIL 310 vezes na forma masculina e 108 na feminina (6). Kajanto inclui-o entre os cognomes que demonstram qualidades de carácter (7). *Modestinus*, por sua vez, está registado 27 vezes no CIL, sendo 14 na forma masculina e 13 na feminina (8). Encarnação afirma que este nome é frequentemente atribuído a escravos (9). No entanto, no caso vertente, não nos parece que tal suceda.

Cilia, o nome materno aparece já registado em vários locais de Península. Todavia, a forma mais frequente é *Cilea* (10).

Apesar do uso do adjectivo *Piissimo* que nos remetia para o século II da nossa era, pensamos que se trata de uma inscrição do séc. I d. C.

2. ROMANIZAÇÃO

As inscrições apresentadas anteriormente terão que se integrar no contexto da romanização do triângulo cujos vértices são Canas de Senhorim, Carvalho Redondo e Minas da Urgeiriça.

Porquê a presença dos romanos nesta área? Os mesmos motivos que os trouxeram à Península

trouxeram-nos até esta área, a presença de metais. Com efeito, a par do urânio, hoje a maior exploração metalífera, o estanho é também abundante e vários são os lugares onde tem sido explorado. Por outro lado, a agricultura tem sido também ao longo dos séculos, uma das principais fontes de riquezas da região e assim já seria há dois mil anos. Isso mesmo poderá explicar a presença do homem desde os recuados tempos da Pré-História nas grutas de Vale de Madeiros, lugar vizinho de Canas de Senhorim (11).

A presença romana está seguramente testemunhada em dois lugares, *Laja do Quarto* e *Passal*.

Na *Laja do Quarto* apareceram em 1980 vestígios abundantes de cerâmica de construção e doméstica, pedras almofadadas, uma soleira de uma porta, um piso de barro queimado (lareira?) e uma mó redonda (12). A inscrição funerária de Modestino, atrás estudada, será também deste lugar, segundo informações que conseguimos recolher.

Infelizmente não nos foi possível realizar qualquer sondagem na altura da descoberta destes vestígios, mas os elementos recolhidos permitem-nos colocar uma hipótese de habitação deste lugar entre os séc. I e IV d. C.. Tratar-se-ia de uma *villa* situada no meio de uma exploração agrícola cujos limites se desconhecem (13).

Num outro lugar de Canas de Senhorim, no *Passal* cerâmicas domésticas e de construção, mós, pedras talhadas encontram-se espalhadas pelo chão ou metidas em muros, testemunhando a habitação do lugar no passado. Seria aqui uma outra *villa*? Nada temos que no-lo comprove, no entanto é muito possível que assim sucedesse, o que suporia a existência de um *pagus* localizado algures. E esse algures poderia muito bem ser o sítio onde hoje assenta a própria vila de Canas de Senhorim. Que ela já existia na Idade Média é ponto assente, pois assim o comprova a existência de pelo menos uma sepultura escavada na rocha na *Rua da Estrada* e, aliás, o próprio nome *de Senhorim* revela uma origem medieval. O mais certo todavia, é ela ter já existido na época romana. Convém mesmo atentarmos nos três topónimos onde se situam os vestígios:

(6) I. Kajanto, *Latin Cognomina*, Helsínquia, 1965, p. 50 e 199.

(7) Ver, por ex., M. Palomar - Lapesa, *La onomástica personal pré-latina en la antigua Lusitania*, Salamanca, 1957, p. 127, 130, 136 e 144, ou, mais recentemente M. Lourdes Albertos Firmat, *La onomástica personal indígena del noroeste peninsular (astures e galaicos)*, *Actas del III Coloquio sobre Lenguas Y Culturas Paleohispanicas*, p. 282.

(8) No trabalho citado de Lourdes Albertos, *Docquirus* e seus derivados são apresentados como claramente lusitanos e muito bem documentados na Beira Baixa, Alto Alentejo e província de Cáceres.

(9) Pertence ao Sr. Eng.º Valejo de Canas de Senhorim, a quem agradecemos a facilidade do seu estudo.

(10) I. Kajanto, *op. cit.*, p. 263.

(11) *Idem*, p. 68.

(12) *Idem*, p. 263.

(13) José d'Encarnação, *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984, p. 311.

(14) Ver por ex., CIL II, p. 1081, ILER, p. 679 e M. Lourdes Albertos, *Nuevos Antroponimos Hispanicos*, *Emerita*, XXXII, 2, 1964, p.239-240.

Laja do Quarto, Passal e Rua da Estrada. O primeiro parece indicar a existência de habitações no lugar; o segundo, medieval, pode ser relacionado com a existência de um *Paço* - habitação, ou terrenos propriedade da paróquia; o terceiro, pode relacionar-se com qualquer época, mas de qualquer forma indica passagem de uma estrada.

Neste contexto de romanização não admira, pois que surjam as lápides estudadas. E se a inscrição funerária supõe a existência de uma ne-

crópole cuja localização desconhecemos, já as inscrições votivas pressupõem um templo a uma divindade local. É de salientar ainda em relação a estas o sincretismo entre a religião indígena e a civilização romana, aparecendo na mesma inscrição nomes tipicamente indígenas do dedicante e da divindade e a fórmula romana final de consagração.

Só novos achados poderão esclarecer completamente o passado romano desta região.

(¹¹) Nas grutas de Vale de Madeiros, onde há uns anos nos deslocámos têm aparecido vários objectos metálicos e cerâmicos. São objectos que devem datar da Idade do Bronze. Alguns estão guardados na Escola Secundária de Canas de Senhorim. Seria importante que os especialistas nesta época se debruçassem sobre esses achados e sobre as próprias grutas que muitas coisas terão ainda a revelar.

(¹²) Já em 1983 me referi a estes achados em conferência pronunciada na Casa do Miradouro, tendo, pela primeira vez, afirmado que se tratava de uma *villa romana*.

Recentemente, Julho de 1985, surgiram notícias nos jornais dando conta da descoberta de uma *villa romana* neste lugar. É falso que se trate de uma descoberta feita apenas nesta data.

(¹³) Deslocámo-nos à «Quinta do Milionário», como hoje é chamada, na companhia do Sr. Dr. Alberto Correia, e Mons. Celso Tavares da Silva, alertados para o aparecimento dos vestígios pelo ilustre canense, Sr. António João Pais Miranda. Aí fotografámos várias pedras aparecidas e recolhemos vários fragmentos cerâmicos.

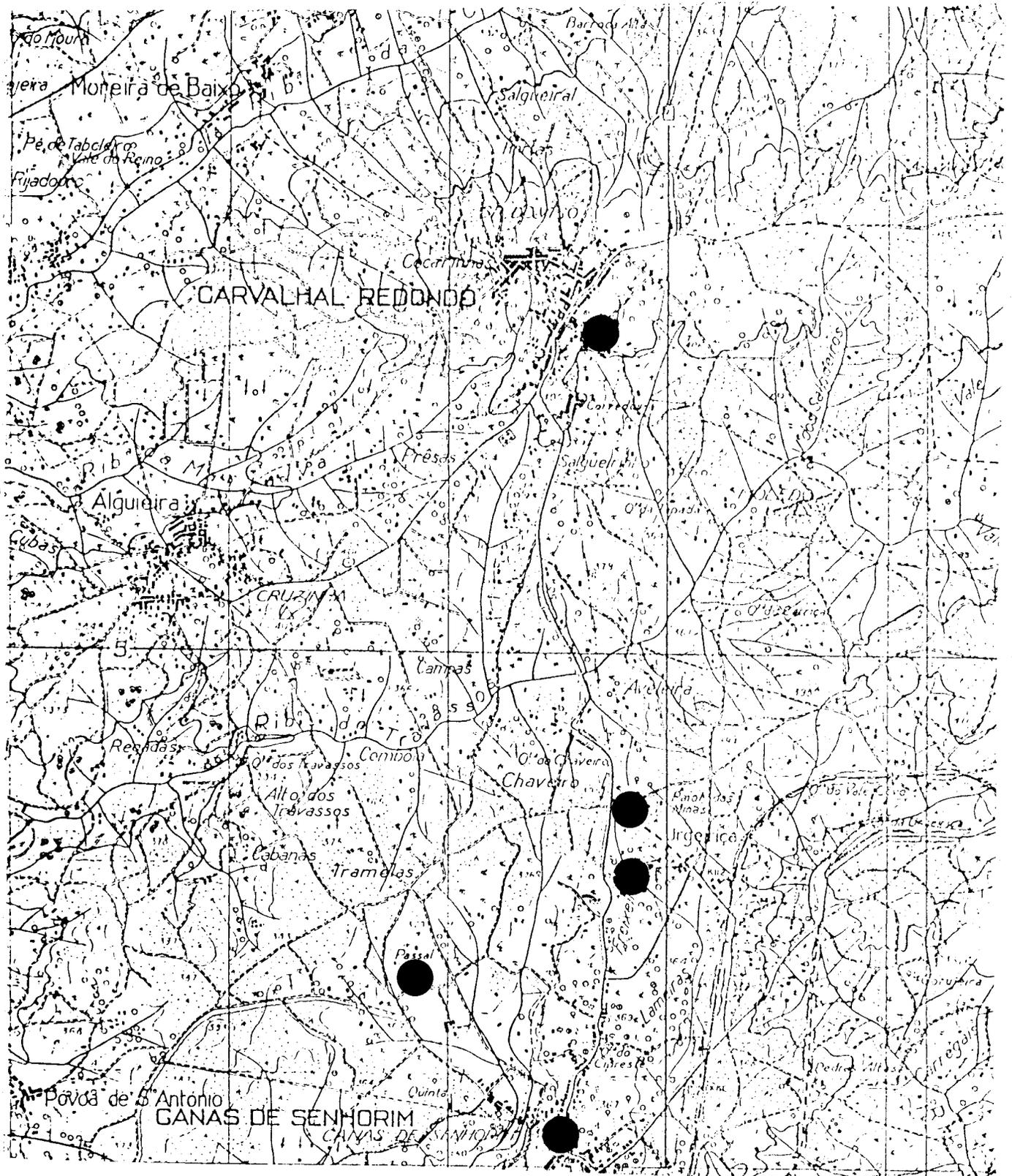


Fig. 1 - Carta militar 1: 25 000, n.º 200

● Localização dos sítios mencionados no texto.



Ara 1



As aras de Carvalhal Redondo antes de serem retiradas da parede onde foram encontradas



Ara 3



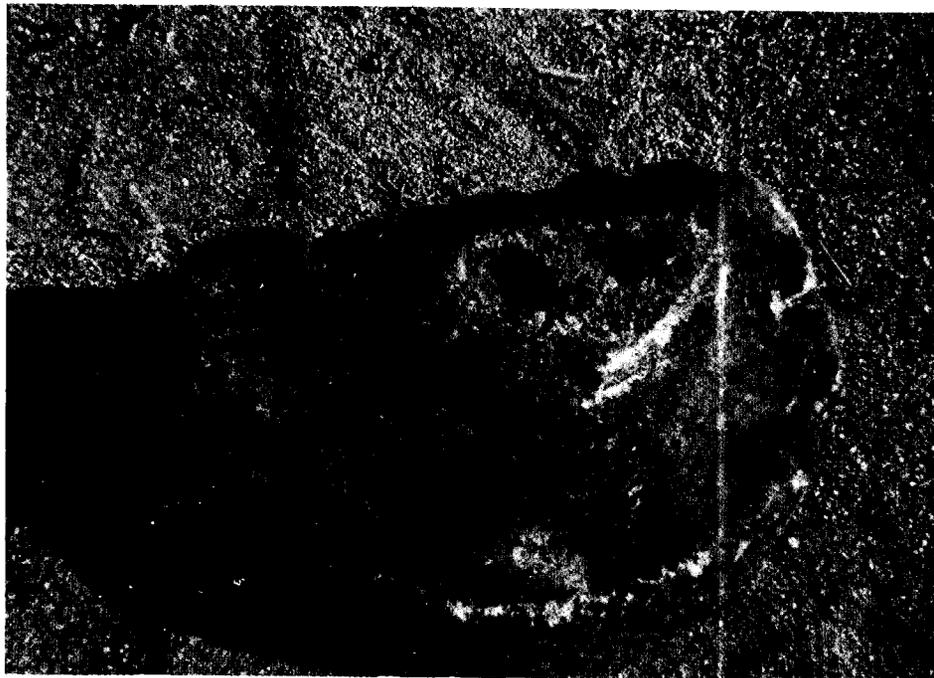
Ara 2



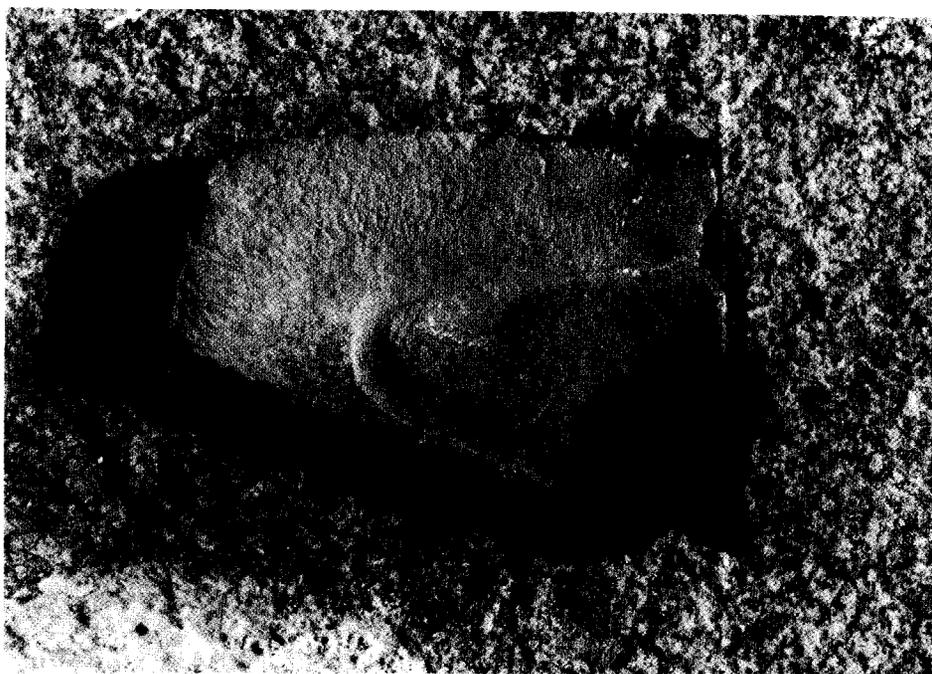
Inscrição funerária de Modestino, face anterior e posterior.



Vestígios romanos aparecidos na Laja do Quarto: pedras almofadadas (em cima) e barro queimado (em baixo).



Mó manuária dormente aparecida na Laja do Quarto.



Fragmento de tijolo com marca aparecido no *Passal*